

Revista Mídia e Cotidiano  
ISSN: 2178-602X  
Artigo Seção Livre  
Volume 14, Número 1, jan-abr de 2020  
Submetido em: 04/11/2019  
Aprovado em: 03/02/2020

## As rádios universitárias como espaços de fortalecimento de uma política pública em radiodifusão

### *University radios as strengthening area of a public policy in broadcasting*

Paulo Fernando de Carvalho LOPES<sup>1</sup>  
Roberto de Araújo SOUZA<sup>2</sup>

#### Resumo

Este artigo trata de indicadores-chave que ajudem a pensar o desafio das rádios universitárias em equacionar a formação profissional, programação e interesse público de modo a consolidar uma radiodifusão pública que fortaleça a democracia. Os conceitos de independência, transparência, autonomia administrativa e financeira são considerados fundamentais para a radiodifusão pública pela Unesco (2001) e Valente (2009). Autores como Deus (2003); Martín-Pena (2018); Mustafá, Kischinhevsky (2018); Zuculoto (2012) mostram que, embora estejam inseridas neste campo, as rádios universitárias apresentam características diferenciadas em virtude de seus objetivos e finalidades. Destaca-se a necessidade de um *modus operandi* em comum para as rádios universitárias tornarem-se um espaço de aproximação, experiência e experimentação dos estudantes, assim como testar novos formatos e conteúdos que se diferenciem das rádios comerciais.

**Palavras-chave:** Indicadores-chave. Radiodifusão pública. Rádios universitárias. Universidades federais.

#### Abstract

This article discusses key indicators that help to think about the challenge of university radios in equating the relationship of professional training, programming and public interest in order to consolidate a public broadcasting that strengthens democracy. The concepts of independence, transparency, administrative and financial autonomy are considered fundamental to public broadcasting. (UNESCO, 2001; VALENTE, 2009) Deus (2003); Martín-Pena (2018); Mustafá, Kischinhevsky (2018); Zuculoto (2012) show that although university radios are generally inserted in this field they have more peculiar

<sup>1</sup> Professor Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Discursos (JORDIS). E-mail: pafecalo@ufpi.edu.br. ORCID: 0000-0001-8104-7334.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Piauí (UFPI), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI). Membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Discursos (JORDIS). E-mail: jornalistaarobertoaraujo@gmail.com.

characteristics due to their objectives and purposes. , such as the need to present itself as an spot for students to get closer to the professional market, and the possibility of experimenting with formats and content not appropriated by commercial radio, thus being a space for fostering alternative production.

**Keywords:** Broadcast indicators. Public broadcasting. University radios. Federal universities.

## Introdução

Algumas características são comuns ao surgimento das rádios universitárias em alguns países: o pioneirismo das universidades públicas; um reconhecimento inicial enquanto “rádios educativas” e, posteriormente, uma caracterização como “rádios públicas”. Vale ressaltar que no pioneirismo, o foco foi a extensão universitária, considerado um dos pilares das instituições ao prestarem um serviço à sociedade. O Decreto-Lei nº 236 de 1967 facilitou ao permitir que os entes da federação e autarquias, como universidades e fundações, pudessem solicitar as outorgas sem necessidade de processo seletivo. Nos anos 70 já havia dezenas de emissoras com finalidade educativa no país.

O conceito de “rádios públicas” tem uma ampla diversidade de experiências pelo mundo que abrange distintos modelos de organização, objetivos e finalidades. Em 2001, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) lançou os princípios da universalidade, da diversidade, da independência e da especificidade para as televisões e rádios públicas. O mesmo documento definiu sobre o mandato da direção os objetivos e o financiamento das emissoras.

Zuculoto (2012) categoriza o “campo público da radiodifusão” em emissoras não-comerciais estatais, educativas, culturais e universitárias. Dessa forma, pensar as rádios universitárias vinculadas às universidades federais está dentro de uma compreensão de sistema de radiodifusão pública, na qual esses princípios não devem ser descartados.

Múltiplas experiências e definições podem marcar o conceito do que seriam “rádios universitárias”. Em um primeiro momento, pode-se resumir basicamente à definição de emissoras de rádios ligadas a universidades, independente de que rádio (seja

com transmissão por ondas eletromagnéticas, seja por internet) ou de que universidade (sejam públicas, privadas, filantrópicas, confessionais etc).

Um dos grandes desafios das rádios universitárias por possuírem características próprias em virtude de seus objetivos e finalidades, é equacionar a relação “formação de profissionais”, “programação” e “interesse público”. Considerando este dado, o objetivo principal deste texto é propor indicadores-chave que ajudem a pensar um modo de atuação em comum para as rádios, a fim de ajudar tanto na formação quanto na consolidação de redes entre as emissoras universitárias. A ideia ao apresentar possíveis indicadores-chave é desenhar uma possibilidade que contribua como um parâmetro que atenda a este campo em específico.

A problemática encontrada ao pesquisar o histórico e as características das rádios universitárias é que nos deparamos com uma multiplicidade de experiências. Cada emissora define de forma particular como funciona, o que causa distanciamento e isolamento. Diferentes modos de organização, direcionamentos na programação, participação da comunidade universitária ou da sociedade em geral estão em diferentes medidas nas cerca de 100 emissoras vinculadas a 85 instituições de ensino superior. Do total de rádios identificadas pelo levantamento, 73 são transmitidas por ondas hertzianas e replicadas pela internet e outras 27 são sintonizáveis apenas online (MUSTAFÁ; KISCHINHEVSKY, 2018).

As rádios universitárias representam um segmento que vem ganhando maior atenção pela academia dentro do âmbito geral das rádios públicas. A caracterização de indicadores-chave requer uma reflexão que inclua aspectos das discussões sobre a radiodifusão pública. Dessa forma, enquanto pesquisa bibliográfica, a coleta dos dados e a construção metodológica dos indicadores são resultados de uma revisão de literatura dos principais autores que discutem a radiodifusão pública e as rádios universitárias em livros e artigos científicos.

### **Contextualizando as rádios universitárias**

Estudos mostram que não há consenso quanto ao surgimento das chamadas rádios universitárias. As primeiras emissoras norte-americanas surgem antes da década de 1920, a partir de experimentos em universidades sobre ondas eletromagnéticas. Na

Argentina, pouco tempo depois com a Reforma Universitária de Córdoba, há um movimento que impulsiona as então elitistas universidades para uma aproximação maior com a sociedade, o que fermenta o surgimento da primeira emissora ligada à Universidad Nacional de La Plata (MARTÍN-PENA, 2018).

Giorgi (2018) aponta que na emissora argentina já havia uma preocupação com o tripé “ensino, pesquisa e extensão”, característica hoje considerada pilar das universidades públicas. O contexto em que surgiam as primeiras experiências de emissoras de rádio, durante a Reforma de 1918, tinha a extensão universitária como uma das reivindicações.

O conceito extensionista, uma das marcas indeléveis do espírito da Reforma Universitária de 1918, encontrou um canal nessas novas tecnologias que surgiram entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX e foi gerando, dando forma à rádio universitária, um pouco por causa da curiosidade do pesquisador, e também por causa da novidade da propagação à distância da mensagem universitária acadêmica e institucional multiplicada exponencialmente (GIORGI (2018, p. 131, tradução nossa).

Depois desta emissora pioneira, outras experiências surgiram em países como Chile, Colômbia, México, dentre outros. No entanto, ainda existem lacunas no que se referem ao que seria uma padronização ou característica central destas emissoras.

Há existência de alguns indícios que mostram que desde o início não existem “modelos paradigmáticos” para estas rádios devido às universidades terem autonomia, o contexto institucional de cada uma delas; as questões administrativas, técnicas e acadêmicas e orçamentárias.

A Constituição Brasileira de 1988 levou as emissoras universitárias a tentarem uma articulação porque mesmo naquela época havendo um interesse por um perfil mais público destas rádios, naquele momento, a então Radiobrás (responsável pelas emissoras de rádio e televisão da União) tinha uma característica mais governamental.

Deus (2003) sugere um direcionamento mais autônomo para as rádios das Universidades Federais no Brasil, pois elas necessitariam “formular um conceito que as possibilite, juntas, buscar o fortalecimento de suas propostas educativas, sociais e culturais.” (p.12). A autora defende que o horizonte das rádios universitárias deve ser a

partir de duas perspectivas: laboratorial e público, sendo que a compreensão de público abrange o que seria para “todos”. Uma das primeiras características das emissoras universitárias públicas seria reconhecer a pluralidade cultural, destinando espaços para diferentes públicos.

Já a atividade laboratorial é onde:

(...) os estudantes ultrapassam os estreitos espaços da sala de aula e da avaliação do professor. Aprendem que no rádio não existem espaços em branco, frases recheadas de adjetivos e que a mensagem radiofônica é fruto de um excelente conhecimento da língua, da agilidade na interpretação do fato e no rigor da pesquisa jornalística. Acabam por dividir com a sociedade o seu fazer e a sua avaliação (DEUS, 2003, p. 312).

O ambiente da rádio universitária é fundamental para que os estudantes – em especial os alunos de Comunicação – possam compartilhar sua atividade prática em sala de aula com a sociedade em geral. Estas rádios deveriam se basear na “formação dos alunos, na divulgação do conhecimento, na democratização da comunicação e na extensão universitária pública” (DEUS, 2003, p. 309).

Ibarra (2018) destaca também a necessidade de haver uma aproximação entre o ensino e a prática na rádio universitária, entendendo que esta união deve ter a universidade como um ambiente em comum. Para ele, a emissora universitária deve buscar permitir, além de veicular o conhecimento produzido por disciplinas ou por pesquisas, que estudantes possam ter contato com processos de produção no rádio. “As disciplinas em geral têm muito a contribuir para as rádios, tanto no conteúdo quanto na produção desses conteúdos das oficinas de comunicação de rádio em termos de linguagem e práticas” (p. 50, tradução nossa).

A participação dos estudantes na emissora é considerada fundamental por, além de permitir a experimentação no alunado, possibilitar o exercício de imaginação e criatividade que os jovens estudantes podem propiciar no meio. Para o radialista José Ignacio López Vigil, uma emissora universitária:

Deve ser um espaço de experimentação sonora, de imaginação e criatividade, e quem melhor que os estudantes para desenvolverem isso. O que seria uma rádio universitária sem estudantes. Creio que atrás

disto há um falso conceito do profissional. Os estudantes devem poder entrar e sair da rádio sem tanta burocracia, para que inventem e se equivoquem, o direito a equivocar-se é fundamental se quer ser um laboratório de experimentação (VIGIL *apud* IBARRA, 2018, p. 51).

Além do alunado da área de comunicação, estudantes de outras áreas do conhecimento podem, ao dispor da rádio universitária, experimentar e participar de diferentes maneiras. Existem experiências que mostram a participação de estudantes de áreas como música, engenharias, tecnologias da informação, direito, administração, dentre outros, tanto na produção de conteúdo dessas emissoras, como também na parte técnica, em organização de logística, organização, dentre outros.

Outra característica das rádios universitárias é a forma como se organizam, de que forma são geridas e que tipo de vínculo possuem com a universidade à qual pertencem ou estão ligadas. Após levantamento feito por Mustafá e Kischinhevsky (2018) com a direção das rádios universitárias, foi identificado que a maioria das emissoras consultadas é subordinada diretamente às administrações das universidades ou a suas assessorias e a fundações mantenedoras.

O resultado da pesquisa mostra a existência de emissoras vinculadas às unidades acadêmicas, sejam diretorias ou departamentos, sendo que, destes, a maior parte é de webrádios. O levantamento também apontou que, mesmo nos casos de emissoras vinculadas às administrações, a maior parte dispõe de um professor no cargo de supervisor/diretor da emissora.

No que se refere à indicação dos gestores, na maioria dos casos há indicação direta pelas reitorias ou pelas unidades acadêmicas às quais são subordinadas. Em muitas das rádios universitárias os mandatos têm duração de três ou quatro anos, em concomitância com os mandatos dos reitores.

### **Indicadores-chave para rádios universitárias**

A partir do exposto acima, passa a ser apresentada a proposta dos indicadores-chave em uma perspectiva que avance no intuito de contribuir para o fortalecimento do segmento e apresente um direcionamento que ajude a melhor equacionar a relação formação de profissionais, programação e interesse público.



### *Independência*

Uma premissa considerada fundamental para a radiodifusão pública é a independência. Pieranti (2018) considera que esta característica deve ser perseguida e sugere quatro itens principais para alcançá-la: a forma de indicação de dirigentes, fontes plurais de financiamento, estabilidade dos dirigentes e outros profissionais e mecanismos de controle social. De certa forma, consideramos que tal vinculação institucional com o gestor da universidade distancia dessa premissa da independência, embora reconheçamos a necessidade de uma análise mais precisa para que se entenda individualmente cada emissora.

No que se refere à existência de algum conselho deliberativo ou consultivo, segundo dados da pesquisa de Mustafá e Kischinhevsky (2018), poucas rádios universitárias cumprem esta orientação. São variadas as experiências de participação na gestão dessas emissoras. Algumas dispõem de conselhos curadores, outras de conselhos editoriais de programação, outras de mais de um conselho, havendo um deliberativo e outro fiscal (semelhante à estrutura pensada para a Empresa Brasil de Comunicação quando fundada); sendo que alguns mantêm reuniões periódicas, outros não. A maioria dos conselhos é formada por professores e membros da administração da universidade, em alguns casos há a participação de estudantes e, em número ainda inferior, de representantes de outros entes representativos da sociedade civil.

Das federais, de acordo com o levantamento dos autores em 2018, existiam Conselhos dessa natureza apenas na Universidade Federal de Viçosa e Universidade Federal de São Carlos. Na Universidade Federal de Pernambuco, estava em processo de implementação e na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o início de mandato de um novo reitor desarticulou o encaminhamento para a implantação do órgão (MUSTAFÁ; KISCHINHEVSKY, 2018).

Para Silva (2013), a participação (representada pela existência de instâncias colegiadas nas tomadas de decisões, oposta à centralidade de um diretor ou presidente) é um dos indicadores-chave para analisar a qualidade da mídia pública. Além da participação, a transparência, a autonomia administrativa e a independência financeira completam esses eixos considerados fundamentais. Ele sublinha, ainda, dentro do aspecto da autonomia administrativa, que o principal indicador neste âmbito é a não vinculação

dos participantes de tais conselhos com o titular da organização mantenedora (no caso específico das rádios universitárias federais, com os reitores).

A premissa da independência em emissoras de radiodifusão pública sugere que este ambiente seja um palco livre de ideias e opiniões, sem a interferência ou imposição de agentes governamentais, ideológicos, econômicos, políticos etc. Ela é fundamental quando se especifica, dentro do campo público, as emissoras universitárias, uma vez que a universidade, em si, é caracterizada como espaço da pluralidade e da divergência de pensamentos. O papel dessas emissoras é, também, evidenciar as discussões que ocorrem dentro do ambiente universitário, mas que perpassa a sociedade como um todo.

Segundo Pieranti (2018), existem quatro aspectos como índices de independência para uma emissora de radiodifusão pública:

(a) complexidade na indicação dos dirigentes, o que significa incorporar diferentes atores ao processo de escolha, pulverizando a influência de grupos e correntes políticas específicas; (b) estabilidade dos dirigentes e profissionais críticos, o que ajuda a preservar a equipe, independentemente das posições manifestadas na programação; (c) mecanismos de controle social para a fiscalização, pela sociedade, das atividades desenvolvidas pelas emissoras; e (d) fontes plurais de financiamento, de forma que a diminuição dos recursos provenientes de uma origem não comprometa as atividades em curso” (PIERANTI, 2018, p. 275).

É importante que se frise que as discussões do autor estão voltadas às emissoras públicas administradas diretamente por órgãos vinculados à União ou aos estados. No caso das rádios universitárias, que têm a gestão definida pela Administração Superior das Universidades, alguns aspectos se diferenciam.

Silva (2013) recorre aos quatro princípios da UNESCO para a mídia pública (universalidade, diversidade, independência e diferenciação) para elencar os seguintes eixos que considera fundamentais especificamente para a estrutura de organização: transparência (referente à publicização sobre funcionamento, dados orçamentários, relatórios etc.); participação (colegiados deliberativos, participação de representantes de diferentes setores da sociedade etc.); autonomia administrativa (a partir do grau de vinculação dos membros do colegiado com o titular da organização à qual pertence); e independência financeira (receitas próprias, receitas oriundas de tributos etc.).



No caso da transparência, por exemplo, não necessariamente as rádios precisam prestar conta em seus sites, mas os portais das Universidades dispõem (ou deveriam) de mecanismo de transparência para os diferentes órgãos de sua estrutura.

Uma característica importante para identificar o grau de independência reside na localização das emissoras no organograma das universidades, ou seja, se são vinculadas à reitoria, às assessorias de comunicação, aos centros de ensino, ou se possuem núcleos próprios. Como nos indica Mustafá e Kischinhevsky (2018), para além da subordinação, é válido identificar se a indicação do diretor ou gestor da emissora é direta pelo reitor, e como se dá – quando tem – a composição dos conselhos deliberativos da emissora.

### ***Laboratorial***

Caracteriza-se enquanto aspecto laboratorial a possibilidade das rádios universitárias servirem de espaço de prática profissional, de modo que os estudantes adquiram um contato com a experiência do mercado de trabalho dentro das universidades.

Assim, os alunos podem participar das atividades desenvolvidas na emissora, permitindo aos estudantes o acúmulo de experiências que permitam o trabalho em outras emissoras tanto públicas como privadas. No entanto, uma outra característica dessas emissoras é o experimentalismo, que permite que os estudantes possam experimentar formatos e modelos radiofônicos não vigentes nas rádios comerciais. Esta premissa consiste em possibilitar ao alunado, além de aprender a técnica para o exercício profissional, que este possa usar da criatividade e inovar no conteúdo a ser abordado. No entanto, o nível deste aspecto varia entre as emissoras, já que em algumas o índice de estudantes é inferior e, em outras, há uma participação maior.

Quanto à participação de estudantes da área de Comunicação, Deus (2003) aponta que esta experiência permite associar à formação do futuro profissional uma capacidade crítica de lidar com a pluralidade, o interesse público e uma aproximação com as questões sociais. Além disso, o contato com a experiência específica a partir das especificidades das emissoras universitárias, permite uma aproximação com o conhecimento científico, com os personagens que desenvolvem pesquisas e a um fazer jornalístico mais pautado em uma perspectiva de jornalismo de interesse público – de

alguma forma, também contribuindo para uma transformação no jornalismo de um modo geral, mesmo na estrutura comercial.

No entanto, além dos alunos da área de Comunicação, pesquisadores das mais diversas áreas podem ter nas rádios universitárias espaços para abordar discussões e permitir experiências diferentes aos estudantes. Além disso, o espaço pode servir de laboratório também no que se refere às áreas técnicas, como engenharias e tecnologia da informação, a partir de estudos de mecanismos de otimização nos equipamentos da rádio.

### ***Experimentalismo***

O experimentalismo é a possibilidade de apresentar formatos e modelos de programação radiofônica diferentes do praticado nas rádios comerciais. Este aspecto está ligado ao laboratorial, uma vez que a participação de estudantes é crucial no trabalho de inovar e experimentar novos formatos sonoros. No entanto, a diferença entre ambos reside no fato de que o laboratorial se caracteriza por um modo de organização das emissoras, que permitem que estudantes componham seu quadro de pessoal com um intuito profissional; o experimentalismo se dá a partir do conteúdo que a rádio universitária veicula, se objetiva ou não transmitir uma programação que supere os formatos e modelos já experimentados e replicados nas demais emissoras de rádio – sejam comerciais ou públicas.

Enquanto as emissoras de rádio comerciais se arraigam em modelos de programas radiofônicos já experimentados e consolidados para garantir a audiência, entendemos como papel das emissoras universitárias permitir que se experimente formatos e modelos de programas diferentes dessas emissoras. Deus (2003) frisa o caráter experimental das rádios universitárias como um espaço que permite “liberdade” para uma inovação de conteúdos que a diferencia do modelo de rádio comercial. Dessa forma, para a autora, além do ensino mesclado com a atividade, a transmissão de conteúdo alternativo faz parte da identidade da emissora universitária.

Os estudantes, ao mesmo tempo em que têm no rádio o ambiente para aprender sobre a técnica do meio e também sobre os formatos sonoros já consolidados e padronizados, podem ir além e tentar experienciar novos formatos e abordar diferentes conteúdos. O fato dos estudantes serem pioneiros no processo de ensino-aprendizagem

permite que, nos casos de não-sucesso, identifique-se os equívocos, corrija-os e originem-se novas alternativas.

Na atualidade, com as múltiplas possibilidades que as tecnologias digitais e as plataformas na internet estão apresentando, esta premissa já nem se fecha tanto nestas emissoras, uma vez que as possibilidades de experimentação estão mais fáceis nas ferramentas virtuais. No entanto, algumas rádios universitárias ainda associam suas práticas a este papel. Essas rádios também abrem espaços para programação musical diferente das emissoras comerciais. É nas universitárias onde bandas autorais com músicas que experimentem novos modelos e formatos têm a visibilidade e podem divulgar sua produção independente.

Cotton (2018) aponta que com a ascensão das plataformas digitais, o rádio tem precisado se reconfigurar e apresenta como uma opção às rádios universitárias uma proposta de investimento na ficção e na atividade laboratorial de produção de atores, produtores e guias para as ondas sonoras. Mais do que apresentar respostas, o autor traz questões sobre esta possibilidade de experimentação no rádio. Desta forma, é possível identificar que as possibilidades de experimentação nestas emissoras vai para além do conteúdo jornalístico ou educativo/cultural, mas também enveredando por outros aspectos, como o ficcional, artístico e musical.

### ***Interesse Público***

Muitas rádios universitárias – e outras emissoras ligadas à União ou aos Estados – têm suas concessões caracterizadas como de rádios educativas. Antes, por conta desta questão legal e da autodefinição enquanto emissoras educativas, suas finalidades eram a transmissão de conteúdo educativo com programas instrucionais, tanto de alfabetização como formação de outras áreas. Hoje, esta perspectiva educativa está permeada por um aspecto mais complexo, que é o do Interesse Público. A programação das rádios universitárias deve estar contemplando, de formas variadas, não segmentadas, e muitas vezes perpassadas uma pela outra no que se refere à cultura, às artes, à ciência, à tecnologia e à educação.

No início das experiências com o rádio partia-se de uma concepção de cultura erudita a ser difundida entre as massas e esta desempenharia papel importante. Hoje, a

programação das emissoras direciona para um conteúdo cultural de forma que valorize-se a cultura popular. Como foi citado anteriormente, existe uma grande diversidade de experiências de rádios universitárias. Portanto, um conteúdo de interesse público, que busque ter a sociedade e o cidadão como beneficiados, deve ter como eixo central a pluralidade enquanto peça-chave da programação das emissoras universitárias.

Considera-se Interesse Público os aspectos educativos, culturais e artísticos que historicamente andam juntos desde o princípio, onde havia uma noção de “educar/formar as massas” através do novo meio de comunicação que atingia a todos os públicos tanto ao fornecer conteúdo formativo, como em coberturas de atividades e eventos culturais.

Como aponta Barbosa Filho (2009), a educomunicação tem proposto novas produções educativas para rádios, permitindo usos diferentes de recursos de mídia. O autor elenca os seguintes formatos radiofônicos dentro do gênero educativo-cultural: programa instrucional, audiobiografia, documentário educativo-cultural e programa temático. Deste modo, a reconfiguração de como o conteúdo de interesse público se dá nas rádios universitárias faz dessas emissoras importantes vetores para a transmissão de conteúdos que privilegiem os temas educativos, culturais e artísticos. Vale ressaltar que, em geral, o ambiente universitário é pólo de expressividade artística e cultural, o que faz dessas emissoras, por conta da proximidade, um potencial meio de difusão.

### ***Divulgação Científica***

Pensar na Divulgação Científica na rádio universitária sugere caracterizá-la como um eixo fundamental destas emissoras, que por situarem-se no ambiente universitário, devem servir como porta principal para o acesso da ciência produzida nos laboratórios e núcleos de pesquisa da instituição.

Barbosa Filho (2009, p. 109) cita a divulgação tecnocientífica como um dos formatos do gênero jornalístico e que tem como função “divulgar e, conseqüentemente, informar a sociedade sobre o mundo da ciência, com roteiros apropriados e linguagem que seja acessível à maioria da população”. Embora a nossa conceituação possa categorizar uma perspectiva que se sobreponha ao gênero jornalístico, em linhas gerais esta é uma finalidade e premissa para as rádios universitárias, já que a universidade é um

ambiente no qual se desenvolvem pesquisas e a construção do conhecimento científico das mais diversas áreas.

Deus (2003) aponta essas emissoras como “veículos do saber científico, cultural, político, filosófico e musical”. A autora sugere pensar o conteúdo científico nas rádios para além da simples transmissão de informações sobre ciência, mas a partir de um “envolvimento ativo” com a sociedade na qual a rádio e a universidade estão inseridas.

Outro aspecto, segundo a Rede de Rádios Universitárias da América Latina e do Caribe (RRULAC), é o fato da comunidade científica ver nas rádios universitárias um instrumento importante para se apresentar e discutir o conhecimento científico. A rede enfatiza o papel histórico das rádios universitárias neste sentido.

Historicamente, por seus conteúdos e sua função, a rádio universitária tem sido um motor de transformação social, educativa e cultural. Alunos, professores, pesquisadores, artistas e cientistas têm tido voz nos microfones universitários, desde as primeiras emissoras até a atualidade (RRULAC *apud* MARTÍN-PENA, PAREJO CUÉLLAR, VIVAS MORENO; 2016; p. 1059, tradução nossa).

Dessa forma, as emissoras são mais do que espaços para se falar sobre ciência. Estas podem, junto a uma premissa de radiodifusão pública, fazer do tema “ciência” algo diretamente ligado à realidade das pessoas e promover uma aproximação dos laboratórios, das discussões que ocorrem entre as paredes das salas de aula, e dos periódicos de divulgação científica, com a comunidade. Assim, a rádio universitária permite uma aproximação da sociedade não só da ciência, mas da universidade e da própria emissora.

### **Considerações finais**

Considerando que atualmente muitas rádios universitárias ainda não conseguem equacionar formação de profissionais, programação e interesse público, os indicadores-chave citados acima devem, em algum nível, contribuir para o processo de uma sistematização coletiva de procedimentos e modos de gestão. A ausência deles deve-se ainda à falta de uma regulação específica sobre as rádios universitárias e uma incipiente legislação sobre radiodifusão, que de um modo geral, difere na prática de emissora para

emissora em virtude dos contextos específicos de cada região, cidade e modo de concessão da rádio.

A formação de redes de rádios universitárias tem sido um caminho encontrado para suprir as práticas de gestões isoladas, processos produtivos distanciados e enfraquecimento da área. As redes em outros países têm possibilitado tanto uma aproximação quanto troca de experiências, como de intercâmbio de conteúdos, transmissões em uma tentativa de fortalecer a área em busca de visibilidade, investimentos e reconhecimento. Aqui no país, a Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA), instituída em 2018, está em processo de implantação.

Deve-se também pontuar que os indicadores não ocorrem isoladamente. Todos são de alguma forma perpassados um pelo outro. O processo de aprendizagem do alunado no indicador laboratorial pode ser permeado pelo contato com fontes do conhecimento científico, da música independente, tema de interesse público, uma linguagem experimental etc.

Destacamos que tais indicadores são importantes no que se refere à organização e funcionamento, quanto à grade de programação e à forma como ela é produzida. Quando as universidades e as emissoras em si têm clareza dos objetivos e das finalidades da emissora universitária, bem como de que forma as práticas e os processos são executados, existem maiores possibilidades de materialização de tais indicadores.

Algumas universidades possuem dificuldade de entender e/ou achar um *modus operandi* para as rádios universitárias enquanto um sistema pertencente à radiodifusão pública. Enquanto a dispersão e não sistematização de protocolos, processos e práticas forem a realidade das rádios universitárias, pouco se avança em direção a novos modos de fazer. Uma atuação comum pode ajudar tanto na consolidação de redes entre as emissoras universitárias quanto no fortalecimento de uma política pública em radiodifusão.

## Referências

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.



COTTON, Marcelo. La ficción en la radio: una visión de futuro. In: HAYE, Ricardo; BOSETTI, Oscar. **Pensar las radios**: Reflexiones desde las cátedras, talleres y otros alrededores. Avellaneda: Undav Ediciones, 2018.

DEUS, Sandra. Rádios universitárias públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p: 327-338, 2003.

GIORGI, Mario. De cómo la RRULAC se transformó en la RIU. In: MARTÍN-PENA, Daniel; MORENO, Agustín Vivas. **Rádios universitarias en marcha**: hacia la construcción de una contra agenda mediática. Avellaneda: Undav Ediciones, 2018.

IBARRA, Diego. Talleres de radio y emisoras universitarias: vínculos em el marco institucional y mediático. In: BOSETTI, Oscar E.; HAYE, Ricardo M. **Pensar las radios**: reflexiones desde las cátedras, talleres y otros alrededores. Avellaneda: Undav Ediciones, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; MATOS, Cristiana Martins de; HANG, Lorena. História do Rádio Universitário no Brasil – Uma primeira abordagem. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 11. **Anais...** São Paulo, 2017.

MUSTAFÁ, Izani; KISCHINHEVSKY, Marcelo; MATOS, Cristiana Martins de. Cartografia das Rádios Universitárias do Brasil (1950-2016). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2017.

MUSTAFÁ, Izani; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Diversidade de experiências e desafios na gestão de rádios universitárias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., Joinville. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2018.

MARTÍN-PENA, Daniel, PAREJO CUÉLLAR, Macarena, VIVAS MORENO, Agustín. **La radio universitaria** – Gestión de la información, análisis y modelos de organización. Barcelona: Gedisa, 2016. (ebook kindle)

MARTÍN-PENA, Daniel. Primeras experiencias radiofónicas y evolución del trabajo en red. In: APARISI, Mari Carmen **Rádios universitarias en marcha**: hacia la construcción de una contra agenda mediática. Avellaneda: Undav Ediciones; Badajoz: Junta de Extremadura; Madrid: Fundación Ramón Areces, 2018.

PIERANTI, Octavio Penna. **Políticas públicas de radiodifusão no Governo Dilma**. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.

PIERANTI, Octavio Penna. **A radiodifusão pública resiste**: a busca por independência no Brasil e no Leste Europeu. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

PEREIRA DA SILVA, Sivaldo. Dimensões estruturais da mídia pública no Brasil: análise comparativa de indicadores-chaves em organizações de radiodifusão. **Ciberlegenda**, Niterói, v. 2, n. 29, p. 47-60, 2013.

UNESCO. **La radio y televisión pública**. Por qué? Como? Montreal, Conseil Mondial de la Radiotelevisión (CMRTV), 2001.

VALENTE, Jonas. Sistema público de comunicação do Brasil. In: SISTEMAS públicos de comunicação no mundo: experiências de doze países e o caso brasileiro. São Paulo: Paulus; Intervezes, 2009.

VILLAFANA, Irving Berlín. El derecho a decir: radios universitarias y educativas en México. **Revista Latina de Comunicación Social**, v. 3, n. 27, 2000.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.